



Vol. 19, nº 2 (2020)

DOI: 10.30681/issn22379304v19n02/2020p105-121

**NA PELE (2020), DE LUCIENE CARVALHO: AS PULSAÇÕES  
POÉTICAS DE UM CORPO NEGRO, ARTEIRO E FECUNDO**

\*\*\*

**IN SKIN (2020) BY LUCIENE CARVALHO: THE POETIC PULSES OF  
A BLACK BODY, ARTEIRO AND FECUND**

Maria Elizabete Nascimento de Oliveira<sup>1</sup>  
Gilmar Leite Ferreira<sup>2</sup>

Recebimento do texto: 13/08/2020

Data de aceite: 06/09/2020

**RESUMO:** esta abordagem propõe um diálogo poético com o livro *Na pele*<sup>3</sup>, de Luciene Carvalho<sup>4</sup>. Com uma linguagem que encanta pela configuração simples, a poeta nos conduz às questões existenciais que versam sobre os labirintos do corpo negro em sua essência de mulher, marcada por rituais político-ideológicos que tatuam na pele os conflitos socioculturais que impulsionam à reflexão sobre o lugar da figura feminina no mundo contemporâneo. É com/no mundo corpóreo, difuso e múltiplo que a escritora transporta-nos a transubstanciar a vida na/pela poética do corpo, de modo a diluir a tatuagem impregnada na pele, por intermédio de palavras expressas por vozes poéticas combativas, precisas e necessárias. Palavras que jorram do jeito próprio de lidar com as aporias existenciais, dimensiona a condição corpórea e amplia o sentido de ser do/no corpo. Corpo que fala, que dialoga, que se autoconhece e que se descobre nos versos, ser que se doa pelas/nas pulsações de uma poesia feita de carne e pele, em porções de vidas que escorrem palavras. O orgânico cultural do estado poético, em Luciene, tem respirações, medos, coragens, lágrimas e desafios, que se faz no tecido de uma vida sofrida, que nega o mundo opressor, clama por outro possível, constituído pela/na poética do próprio corpo. São poemas que provocam silêncios que gestam vozes adormecidas, que permitem ao *eu poemático* e ao leitor a viagem regressa, por meio de vozes que não querem mais calar e, assim, falam em si, como diria Maurice Merleau-ponty (1999), uma “fala constituída” de fecundidade e de coragens.

**PALAVRAS-CHAVE:** poesia; Luciene Carvalho; corporeidade; vozes.

**ABSTRACT:** this approach proposes a poetic dialogue with the book *In skin*, by Luciene Carvalho. With a language that enchants by its simple configuration, the poet leads to existential questions that deal with the labyrinths of the black body in their essence of woman, marked by political-ideological rituals that tattoo socio-cultural conflicts that encourage reflection on the place of the female figure in contemporary world. It is with/in the corporeal, diffuse and multiple world that the writer transports us to transubstantiate life in/through the poetics of the body, in order to dilute the tattoo impregnated in the skin, through words expressed by poetic voices combative, precise and necessary. Words that flow from the proper way of dealing with existential aporias, dimension the bodily condition and expan the sense of being of/in body. Body that speaks, that dialogues, that knows itself and that is discovered in the verses, be donated by/in the pulsations of a poetry made of flesh and skin, in portions of lives that ooze words. The cultural organic of a poetry state, in Luciene, has breaths, fears, courage, tears and challenges, made in the fabric of a life suffered, which denies the oppressive world, calls for another possible one, constituted by/in poetics of the body itself. They are poems that provoke silences that generate voices asleep, which allow the poetic self and the reader to travel back, through voices that no longer want to be silent and thus speak for themselves, as Maurice merleau-ponty (1999), a “constituted speech” of fertility and courage.

**KEYWORDS:** poetry; Luciene Carvalho; corporeality; voices.

<sup>1</sup> Professora da Rede Estadual de Educação Básica do Estado de Mato Grosso. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso/UFMT. Doutora em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT. Contato: m.elizabte@gmail.com

<sup>2</sup> Poeta e professor da Universidade Federal da Paraíba/UFP. Mestre e doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Natal). Contato: poetagilmar@gmail.com

<sup>3</sup> *Na pele* – apresenta uma coletânea de poemas inéditos, com lançamento em breve.

<sup>4</sup> Luciene Josefa Carvalho é poeta, natural de Corumbá/MS, vive em Cuiabá no Estado de Mato Grosso/BRASIL, desde 1974, tem o título de cidadã cuiabana. É também, membro da Academia Mato-Grossense de Letras/AML.



Em um contexto em que as pessoas viram apenas números, ser humano é uma questão de resistência, de luta contra as iniquidades do mundo real e, acreditamos tal qual Rubem Alves (2014), que a poesia é um convite a andar por caminhos onde moram o essencial. O autor enfoca ainda que o corpo não entende a linguagem do método porque ele musical, portanto, só entende a linguagem da estética. É esta linguagem do movimento estético feita no/pelo corpo que trata Luciene Carvalho, em seu livro *Na pele*, escrito em 2020 em tempos de pandemia e, recentemente, publicado pela Editora Carlini e Caniato sediada em Mato Grosso/Brasil.

Os poemas apresentam uma linguagem rítmica, gestados pelo som da existência e, por sua vez, apresentam-se recheados de lirismo, de conflitos e de contradições que o corpo não consegue conter, é por isso a poeta derrama-os para que Pandora a liberte e torne a vida menos áspera e, quem sabe, nobre. “Se as pessoas soubessem ler poesia é certo que os terapeutas se transformassem em concertos de poesia!” (ALVES, 2014). Assim, Carvalho exhibe,

a linguagem atapetada de pele, um texto em que se possa ouvir o grão da garganta, a pátina das consoantes, a voluptuosidade das vogais, toda uma estereofonia da carne profunda: a articulação do corpo, da língua, não a do sentido, da linguagem (BARTHES, 2006, p. 78).

A poesia de Luciene representa uma presença no corpo que tornou-se ausência no mundo porque camuflada no discurso homogêneo. Trata-se de uma linguagem que faz repercutir vozes de um corpo múltiplo de mulher, de mulher proletária, de mulher poeta, de mulher preta, de mulher mãe, de mulher filha: “A pele cobre o todo que lateja/O leite branco/Da preta que me pariu/Nutriu a melanina/Que em mim brotou”. Versos que traçam o caminho



da ancestralidade, da identidade que não tem lugar de expressão, que foi silenciada e por isso incomoda. Somos sabedores de que:

Não há tradição cultural que não justifique o monopólio masculino das armas e da palavra, nem há tradição popular que não perpetue o desprestígio da mulher ou que não a aponte como um perigo. Ensinam os provérbios, transmitidos por herança, que a mulher e a mentira nasceram no mesmo dia e que palavra de mulher não vale um alfinete, e na mitologia rural latino-americana são quase sempre fantasmas de mulheres, as temíveis *almas penadas*, que por vingança assustam os viajantes nos caminhos. No sono e na vigília, manifesta-se o pânico masculino diante da possível invasão dos territórios proibidos do prazer e do poder. E assim sempre foi pelos séculos dos séculos (GALEANO, 1999, p. 68).

A pele é uma fronteira do corpo apresentado como um limite que sufoca a voz interior: “A pele é o perímetro/O limite /Do eu que em mim existe/E vai ao o mundo./A pele é a casca/É o forro/Tamanho do meu corpo vivo/E quando morro”. Estes versos de abertura da obra apresenta o mundo das essências, daquilo pelo qual vale a pena morrer, porque é, também, o que a mantém viva. São palavras que provocam um silêncio que gestam vozes adormecidas, que permitem que o *eu poemático* faça a viagem regressa e dialogue com vozes que não querem mais calar e, assim, deixa falar em si, vozes que são como diria Maurice Merleau-ponty (1999):

[...] tal como ópera na vida cotidiana, supõe um passo decisivo de expressão. Nossa visão sobre o homem continuará ser superficial enquanto não remontarmos a essa origem, enquanto não reencontrarmos, sob o ruído das falas, o silêncio primordial, enquanto não descrevermos o gesto que rompe esse silêncio. A fala é um gesto, e sua significação um mundo (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 250).

Ao ser transformado em fala, ainda de acordo com o autor, o silêncio rompe com a fala instituída. “O erro/Que sou/Quanto tempo/Demorou/Pra



chegar a coragem/[...]“Imagina”/“Não”/“Todos iguais”/“Jamais”/A “cortina da igualdade”/Protege quem domina/Câncer no verbo/Legitima a cerca/O cerco de quem nega. Segue a massa cega” (CARVALHO, 2020). O filósofo francês aborda ainda que o sentido dos gestos não é dado, mas compreendido:

[...] o gesto que testemunho desenha em pontilhado um objeto intencional. Esse objeto torna-se atual e é plenamente compreendido quando os poderes de meu corpo se ajustam a ele e o recobrem. O gesto está diante de mim como uma questão, ele me indica certos pontos sensíveis do mundo, convida-me a encontrá-lo ali. A comunicação realiza-se quando minha conduta encontra neste caminho o seu próprio caminho. Há confirmação do outro por mim e de mim pelo outro. Aqui é preciso restaurar a experiência do outro deformada pelas análises intelectualistas, assim como precisaremos restaurar a experiência perceptiva da coisa (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 252).

O filósofo nos convida a descortinar um mundo onde a fala está instituída, para ver o mundo de azul, como diria Manoel de Barros (2011). Merleu-Ponty ressalta o constituir de outras linguagens onde a identidade do próprio corpo, com sua peculiaridade e, ao mesmo tempo, com seu poder de conexão com outros corpos, formam uma rede de relações que as convenções não liberam porque supõem uma comunicação prévia, instituída, no entanto:

[...] engajo-me com meu corpo entre as coisas, elas coexistem comigo enquanto sujeito encarnado, e essa vida nas coisas não tem nada de comum com a construção dos objetos científicos. [...] é preciso reconhecer como irreduzível o movimento pelo qual me empresto ao espetáculo, me junto a ele em um tipo de reconhecimento cego que precede a definição e a elaboração intelectual do sentido (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 252).

Luciene Carvalho por meio de sua criação poética recoloca a linguagem nesta corrente comunicativa, liberando do seu corpo sentidos que dialogam, comunicam com outros corpos que, por sua vez, é o seu próprio



corpo poético. Uma linguagem que não precisa explicar ou oferecer fundamentos porque está realizada/fundada na existência: “Eu fui pela inteligência/Pela manipuladora/Pela esotérica, pela sonhadora/Fui pela inserida,/Pela feliz da vida,/Pela drogada, /Pela perdida, abandonada/Fui pela delirante/Pela bem – amada”. Nesta ótica, Rubem Alves (2014, p. 18), enfatiza que “o poeta fala. Sem argumentos ou provas, o corpo vibra. Essa vibração é a evidência de que o poeta falou a verdade que domina dentro do corpo”.

[...]  
A pele em que vou  
Não tem remetente,  
Ou  
Sobrenome antigo.  
Veio como artigo  
Veio numa nau  
Como um produto  
O antigo ancestral.  
[...]

Pensar a criação poética é pensar o mundo ofertado como metáforas, como construção de devir, como imagens que se oferecem em sua versão original nas complexidades existentes no corpo que, ainda em consonância com Rubem Alves, surgem como “aves selvagens – só vêm quando desejam. Elas têm vontade e ideias próprias” e, por outro lado, precisa de um corpo para se manifestar, sem ter percursos definidos, sem encontro marcado, as aves chegam de improviso e encharcam de sentidos o ser/poeta e se manifestam com raízes e asas, por isso é tão complexo falar de percurso em poesia.

José Miguel Wisnik (2005, p. 35) aborda que:

A experiência poética supõe as experiências humanas crucialmente básicas, vividas ou intuídas, delicadas e violentas,



singulares e universais, a se imprimirem na ‘vida das [...] retinas tão fatigadas e a se transformarem em quem se vive [...] trauma e sublimação – que ganha atualidade imprevisível na linguagem.

No poema narrativo sobre a filha que nunca teve, o *eu poemático*, aponta peculiaridades do corpo negro e seus traumas. De acordo com José Wisnik (2014, p.35), por não se tratar “apenas de sentimentos de primeiro grau, desabafos, suspiros, testemunhos prontos, intenções, emanações afetivas do eu, acusações heroicas, mas de experiência decantada”, que se constitui na/pela melanina da pele: “Nossas peles/Odeiam nossas peles/Nossas peles ainda se negam/Um as outras. /Sabem que a pele/É a condenação perpétua. (CARVALHO, 2020).

O poema supracitado é longo, com um clamor poético sublime que movimenta os universos históricos e culturais da existência do ser negro, do ser mulher, do ser pobre, com flashes interpretativos do teatro da experiência vivida e sonhada, numa sociedade homogênea de desiguais, lugares onde apenas o seu corpo negro de mulher pode ter experimentado e, pela ausência da palavra modula um ser singular em dimensões que atingem a multidão: “[...] Palavras não constroem/Amor próprio/O amor será sub-título/Da dor exclamada/E dói cabelo, mãe/Dói os dentes/Que o tempo leva,/Dói as casas pequenas/De coabs, favelas e grilos/Netas daquelas senzalas”. (CARVALHO, 2020).

Constitui-se assim, a nuance de um ser que reverbera em linguagem, que faz ressoar vozes independentes que se interligam pela ancestralidade: “A filha que nunca tive/Vive em mim como promessa/[...] A filha que não pari/Tem consciência, percebi/Da rota da melanina, /É filha, neta, bisneta/Da travessia africana (CARVALHO, 2020). É como se antes de tomar forma de palavras, estas antes foram alimento do *eu poemático*, invadiu-o, tomou conta



do corpo: “Eu falo pra minha filha,/Que cada ser é uma ilha/De construção continuada, /Sempre multifacetada/E... /Minha filha dá risada/E me ensina:/Mãe, você já foi acordada!”. (CARVALHO, 2020).

A leitura dessa obra *Na pele*, de Luciene Carvalho, nos leva aos porões dos navios negreiros, mostrando-nos à amplitude de um sentimento liberto, e que por caminhar pelas veredas da escravidão, faz o percurso de volta, mesmo estando no mesmo lugar, sofre como se vivesse outra vez, apresenta a perfuração das lanças que continuam a ferir sua pele e a negar o seu lugar. “Não vai haver autoestima/Sem que antes se revele/O teatro do invisível/O cabelo com cacho,/O despacho.../Não vai resolver nada/ [...] Se a emoção ficar calada.” (CARVALHO, 2020).

A poesia desmistifica a história, apresenta no reflexo as injustiças socioculturais, obriga o leitor a ver/sentir nos desvãos das palavras, os gritos de liberação da dor e dos burburinhos que ecoam de sua voz, mesmo não sentindo o quão forte é o preconceito e os regimes de escravidão que ainda aprisionam o corpo negro obrigado a admitir o cruel teatro dessa existência: “O guri é corpo/Sem vida está morto/E ele queria/Só dar um rolê”. (CARVALHO, 2020). Desta forma, ao denunciar, também anuncia a libertação.

[...] Queria gritar  
Que esse assunto  
Não é meu.  
Queria me libertar  
Da síndrome de prometeu,  
[...]  
Queria uma efetiva  
Carta de alforria.

Ao trazer a fenomenologia de Merleau-Ponty (1999, p. 207), ressaltamos que “cada um de nós se vê como que por um olho interior” que



só é possível numa linguagem do corpo, que a plenitude da existência está sempre num devir, inconclusa, se refaz continuamente. “Eu descobri/Que minha força/Mora aqui:/No verso de fala reta./No insistir em ser poeta/No ir vivendo em mim.” Assim, na plenitude inconstante do ser, reverbera a tríade merleu-pontyana, eu-outro-mundo, que joga-nos nas inconstâncias do objeto que procura ser visto como sujeito: “Também tem/Que planta/Não é ingrata/A gente cuida/Ela incorpora/Cria viço/E planta, menina/Planta,/Não faz diferença/Com cor da pele.” (CARVALHO, 2020). A sensibilidade gerada pelo labirinto da vida social é desvelada, com suas aporias e seus afoitos instituidores de verdade: “Tirar o foco da gente/Do que realmente importa!”. “[...] Essa gente negra/É pasto!/Pasto que alimenta/A máquina violenta/Deste meu país” (CARVALHO, 2020).

Manter as normas e convenções sociais criadas nos regimes sórdidos da escravidão e das diferenças socioculturais que sustentam o *status quo*. “O mesmo sangue/Que corre em minhas veias/Corre – invisível – em cascata/Sob os olhos surdos/Desse meu país./Impune segue/Quem segrega e mata./Os sequestrados na África/Para a escravidão. /Escorre o sangue, [...] Que jorra do corpo/[...] Pronto!/Lá foi o futuro cadáver/Atrás, no camburão”.

É na autêntica manifestação do ser que a poeta deixa-se encharcar por palavras, conquistando o seu espaço pela/na arte: “Faço estes poemas/Para descansar,/Estou exausta/De tanto calar/E agora, me ouvirão cantar”. Ao mesmo tempo em que transmuda-se em lirismo, apresenta a imponência da dor no seu corpo negro de mulher, denunciando paradigmas sociais que são enunciados repletos de preconceito e estereótipos: “Não me fale/De racismo reverso,/Não se esquive da verdade/Que trago nesses meus versos”.

A essência poética da obra de Luciene Carvalho apresenta um lugar manifestado na pele e num corpo específico, particular e, só dele pode



escorrer o lirismo expresso nesta linguagem do sumo que se corporifica e/ou num corpo que se desmancha em poesia. E, neste formato sólido e, ao mesmo tempo, líquido, que a escritora sinaliza: “Nós vamos enlugarar este país/Vamos atravessar fronteiras/Com cota/Sem cota/Não importa”.

Na metafísica da expressão poética, a ontologia do ser da palavra habita as interseções do corpo que fala por intermédio dos versos. Esse dizer reside na pele e se transubstancia quando a poesia fala para o mundo por meio da linguagem que se desvela pelo sensível, o não dito e o impensado, configurando a existência no movimento da vida, mesmo que esta esteja nas encruzilhadas da dor, da tristeza ou do abandono. Nesse sentido, o livro, *Na Pele* (2020), mostra que no tecido primeiro da condição corpórea, a poesia metamorfoseia o seu ser que sai do silêncio para se anunciar que é na experiência da vida que se manifesta o pensar e o sentir de uma escritora que carrega no corpo uma história que reverbera inquietações pela palavra encarnada.

A poesia possui uma singular expressão de ser pela linguagem indireta que habita os signos não estabelecidos, assim desconstrói a ideia da razão fechada que anuncia o dito que está posto, com seus significados estabelecidos. A linguagem poética torce as palavras, reinventa novas configurações, e o ser da poesia tece a linguagem e a expressão criativa, anuncia o que é a (de)ordem do invisível ao olhar comum e acostumado. É o sentir que ativa a percepção e desperta na carnalidade a condição sensível de ser e estar no mundo, pois:

Aquilo que sentimos, a coisa sensível, o mundo sensível, o correlato do meu corpo ativo, o que lhe “responde”; o que sente não posso pôr um único sensível sem colocá-lo arrancado da minha carne, colhido da minha carne, e a minha própria carne é um dos sensíveis no qual se faz a inscrição de todos os outros, sensível pivô do qual participam todos os demais. Sensível-



Vol. 19, nº 2 (2020)

chave, sensível dimensional, meu corpo é no mais alto grau, aquilo que qualquer coisa é: um *isto é dimensional*. É a coisa universal (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 234).

Na experiência sensível o ser da poesia não repousa no seu próprio mundo, mas se transubstancia, torna-se o outro, sem perder a própria existência. Esse ser e estar são o fio da ligação com outro corpo por intermédio de um sentir que põe em movimento a existência. Nesse sentido, o corpo se abre para o mundo, cria canais de comunicações e revela uma estrada de mão dupla, na qual os sentires do mundo e da existência se chocam, dialogam e quebram a cartografia da pele para a fundação de múltiplas existências. Nos versos, da poeta Luciene Carvalho, podemos perceber que:

A pele cobre o todo que lateja  
O leite branco  
Da preta que me pariu  
Nutriu a melanina  
Que em mim brotou.  
A pele é o perímetro  
O limite  
Do eu que em mim existe  
E vai ao mundo.  
A pele é a casca  
É o forro  
Tamanho do meu corpo vivo  
E quando morro.

Sendo o tamanho do corpo vivo, a pele tanto é o sentir, como é o canal de uma corporeidade mais profunda e dimensional, onde a integralidade do corpo compõe todas as suas partes num quiasma feito de um tecido uno, que faz parte da ordem do sensível. O corpo tanto é o movimento de ir ao mundo, como é o movimento de atrair o mundo. Nesse percurso, signos vão sendo criados a cada contato e abrem canais para a elaboração de novos sentidos.



Então, na pele, o orgânico e o cultural desenham a poesia na linguagem que se derrama na expressão criativa.

Na criação de um poema, a convivência com as palavras revela-se com outras faces, outras dimensões, intensificadas. Transfiguradas. A presença das palavras é marcada por grandes tensões rítmicas, por grandes irradiações de imagens e condensações de sentidos. As mesmas palavras que se esvaem e se dissipam nas trocas de comunicações cotidianas, no poema revelam-se energias quase desconhecidas. A linguagem poética não se esgota, ela está sempre nova. A cada olhar, a cada leitura. Um poema tem múltiplos sentidos. Múltiplos ritmos. Signos intensificados de significação. Palavras grávidas: um poema está sempre projetando outras possibilidades – de leitura e de existência. Signos que geram signos. Símbolos que geram símbolos (ANTONIO, 2002, p. 43-44).

Na palavra poética há uma plasticidade de expressões que não se oferece por inteira e não possui uma finitude acabada. Há sempre vácuos e horizontes a serem experimentados e vividos. Essa dimensão cósmica de expansão e de recolhimento é o que possibilita a criação, recriação, expressão e comunicação. Quanto mais penetramos na palavra poética, mais descobrimos seus mistérios e elucidações. Lugares onde o tecido da palavra poética está bordado na pele de um existir carnal expressivo, vivo e em constante transformação. As palavras e o corpo são seres de movimento e sentimentos, numa ontologia em que seus entes fazem parte de um todo, constituindo o que não é a ordem do pronto, do dado e do instituído pela mecanização de uma concepção da vida cristalizada, que repousa na acomodação da estática de símbolos e signos convencionais e fechados em si mesmos.

Uma poesia engajada com o mundo e a existência possui uma carnalidade pulsante, inquieta, como o oceano que mantém-se vivo, em processo de renovação e de vitalidade. Tempestades da vida em tumulto cria



Vol. 19, nº 2 (2020)

pele na palavra, sangue no dizer poético, angústia e alegrias nos ritmos tônicos e verbais. Este quiasma mostra a relação entrelaçada no corpo/poema, fator que dificulta desvelar quem é o poeta, o quem é o mundo e quem é a poesia, pois também não existe separação precisa, como podemos perceber nos versos de Luciene Carvalho;

Desespero  
O erro  
O erro  
Que sou  
Quanto tempo  
Demorou  
Pra chegar à coragem  
A corrente  
O chicote  
O ferro  
São hoje de outro modo  
“Imagina”  
“Não”  
“Todos iguais”  
“Jamais”  
A “cortina da igualdade”  
Protege quem domina  
Câncer no verbo  
Legitima a cerca  
O cerco de quem nega.  
Segue a massa cega.

Transsubstanciar a vida na palavra poética dimensiona a condição corpórea e amplia o sentido de ser do corpo. Trata-se de um corpo que fala, dialoga, se autoconhece e se reconhece nos versos, nas pulsações de uma poesia feita de carne e pele. O orgânico cultural do estado poético têm respirações, medos, coragens, lágrimas e desafios, mesmo que seja no tecido de uma vida sofrida e que negue o mundo. Nesse contexto o filósofo Maurice Merleau-Ponty (2004, p.87) ressalta que:



Vol. 19, nº 2 (2020)

O que o pintor e o poeta expressariam outra coisa que não o seu encontro com o mundo? Do que fala a própria arte abstrata, a não ser de uma negação ou de uma recusa do mundo? Ora, a austeridade, a obsessão e as superfícies das formas geométricas (ou a dos infusórios e dos micróbios, pois a interdição lançada sobre a vida só começa, curiosamente, no metazoário) ainda têm um cheiro de vida, mesmo que se trate de uma vida envergonhada ou desesperada. Portanto, sempre o quadro expressa algo, é um novo sistema de equivalência que exige precisamente essa subversão, sendo em nome de uma relação verdadeira entre as coisas que seus laços costumeiros são desatados. Uma visão, uma ação enfim livres descentralizam e reagrupam os objetos do mundo no pintor, as palavras no poeta.

No caos de uma vida atormentada a arte surge como um cosmo que organiza o viver, que convida à reorientação por meio da linguagem que harmoniza os vácuos e aproxima o que está supostamente distante. Esse laço de significações diversas torna o corpo grávido de um sentir configurado pelo dizer, onde o fazer poético, de acordo com Ferreira (2017, p. 17) se efetiva,

entre os vales da existência sensível; nas cavernas profundas da introspecção; no oceano abissal da subjetividade; na correnteza do líquido endoplasmático; no pulsar tresloucado do coração; na estesia dos sentidos vibrantes; no borbulhar vulcânico da inteligência perceptível; na linguagem do corpo em movimento; no universo da expressão criativa; na comunicação dos corpos poéticos; nos símbolos da cultura; na dimensão das palavras delicadas e sutis, a poesia se faz presente, e anuncia o bailar dos versos numa cadência de ritmos e sons que embevecem o sentir e o perceber, elevando a existência para o mundo da experiência estética, educando o sensível para uma melhor compreensão sobre nós e o mundo em que vivemos.

O estado poético, com suas “*jorrâncias pregnantes*” de carnalidade e intencionalidade, aponta os caminhos do ser poeta para uma estrada repleta de curvas imperceptíveis a visão acostumada à visibilidade dada. Merleau-Ponty aponta que é “*preciso olhar para ver*”. Então, não basta somente ver, mas é preciso fazer o olhar penetrar nas coisas, habitá-las, fazer parte delas, para assim, ver com profundidade cósmica a interação pulsante nos seres e



Vol. 19, nº 2 (2020)

nas coisas. Essa relação manifesta-se no corpo e, portanto, transcende o sentir para revelar-se na pele que ao aquecer o corpo, aumenta-se a pulsação cardíaca e altera o mundo, regenera o sistema metabólico do organismo. Todo esse movimento dimensiona a corporeidade no campo da plasticidade para uma ontologia do ser sensível com seus entes verbalizados na palavra poética, como podemos perceber nos versos da poeta Luciene Carvalho.

Tem uma África  
Que é minha  
Eu a carrego  
Sozinha  
Na pele em que vou,  
Na cara estampada  
Eu não digo nada  
Mas, sei quem eu sou  
Não sei se guiné  
Ou se Daomé  
Talvez o Sudão.  
Vasto continente  
Contudo,  
A pele em que vou  
Não tem remetente,  
Ou  
Sobrenome antigo.  
Veio como artigo  
Veio numa nau  
Como um produto  
O antigo ancestral.  
Minha África  
É o olhar que indaga  
Que segue e naufraga  
Nos mares e sóis ...  
Dia a dia  
Minha África segue atenta  
Aos predadores  
E seus sinais.  
Caminha e caminha  
Essa África que é minha  
E de ninguém mais.



Na palavra poética e no corpo habita uma existência sem fronteiras, com um balde de culturas que é se derrama no mundo, mas também oriundas das particularidades de um sentir próprio e peculiar. Na pele estão inscritos lugares, dizeres e sentires, num amálgama repleto de cores, sons, movimentos e histórias que não ficam inertes, pois dialogam na rede inconclusa que é a vida, em sua acepção mais intensa e existencial. Nessa concepção, a historicidade do corpo se verbaliza na palavra poética o amplia o sentido de ser, o ser da poesia, como disse Alfredo Bosi (2000). Quando entramos na poesia por meio do sensível, descortinam-se histórias, movimentam-se sentimentos, geram-se acontecimentos e ensaiam-se gestualidades. Cada imagem, na forma da linguagem poética desenha um mosaico que, muitas vezes, está dentro da gente, e antes não era percebido ou sentido, estava nos vácuos do impensado e de um sentir hibernante, esperando o verão dos acontecimentos sensitivos e culturais, para descongelar o que ainda não tinha sido percebido.

É no estado máximo de relacionamento de sentidos que acontece a cópula entre a poética existente no/do corpo e a poética existente no mundo, assim Araújo (2008, p. 128), ressalta que:

No estado poético se descortina o espírito nômade que, nos influxos de suas aventuras, nos precipita nos riscos dos perigos que desconcertam e entusiasman; se projeta o espírito travesso e despojado da criança que se desmancha de alegria com as estripulias das revoadas de suas pipas. O poético suscita o espírito saltimbanco entre as veredas das paragens desgrenhadas do viver; penetra nas ondeações do aleatório instigando o espírito brincante na expressão desmesurada de seu vadiar. Traduz, com leveza e despojamento, a dança sincopada da plasticidade do jogo vivente, das ondulações do ser-sendo.

O ser-sendo da/na poesia de Luciene carvalho é andante, na inquietude de mulher negra que interroga o mundo e põe em questão as opressões e a



incompreensão de uma sociedade preconceituosa, aqui especificamente, no sentido étnico, de modo a enfatizar que “a dinâmica do mundo não permite a visão estática sobre as coisas e as pessoas, [...] é imprescindível que se faça surgir à necessidade de restabelecer, de fazer reviver a sensibilidade humana, que está intrincada no nosso corpo, na nossa pele” (OLIVEIRA, 2012). Assim, Carvalho faz jorrar poesia do corpo, corpo que ao falar quebra o silêncio da subjetividade e anuncia uma poética da carnalidade. Ler e sentir a poesia de Luciene nos coloca, também, no seu corpo, na textura da sua pele que pulsa com o coração. Essa poeta feita de palavras tem a pele em auroras que refletem o sol permanente da sua existência.

### Referências

- ALVES, Rubem. **Variações sobre o prazer**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2014.
- ANTONIO, Severino. **A utopia da palavra: linguagem, Poesia e Educação**, Rio de Janeiro, RJ, Editora Lucena, 2002.
- ARAÚJO, Miguel Almir de. **Os sentidos da sensibilidade: sua fruição no sentido de educar**, Salvador, BA, EDUFBA, 2008.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: perspectiva, 2006.
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- CARVALHO, Luciene. **Dona**. Cuiabá: Carlini&Caniato, 2018.
- \_\_\_\_\_. **Ladra de Flores**. Cuiabá: Carlini&Caniato, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Insânia**. Cuiabá: Carlini&Caniato, 2009.
- GALEANO, Eduardo. **De Pernas pro Ar: a escola do mundo ao avesso**. Porto Alegre: L&PM, 1999.



Vol. 19, nº 2 (2020)

WISNIK José Miguel. Drummond e o mundo. In: **Poetas que pensaram o mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. MERLEAU-PONTY, Maurice **O olho e o espírito**, Tradução: Paulo Neves e Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira, São Paulo, SP, 2004. \_\_\_\_\_. **O visível e o invisível**, Tradução: José Artur Gianotti e Armando Moura d'Oliveira, Editora Perspectiva, São Paulo, SP, 2000. \_\_\_\_\_. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. OLIVEIRA, Elizabete. **Educação Ambiental e Manoel de Barros: diálogos poéticos**. São Paulo: Paulinas, 2012. FERREIRA, Gilmar Leite, **Corpo e Poesia: para uma Educação do Sensível**. Appris, Curitiba, PR, 2017.